



DOS LAÇOS E NÓS DA DIÁSPORA¹

Resumo: A historiadora norte-americana Kim Butler narra a sua trajetória de vida em Nova Iorque, com destaque para o ingresso na universidade e a sua experiência de conhecer o Brasil na década de 1980. Analisa a sua visão sobre o Brasil e a idéia de cultura negra na diáspora, avaliando as mudanças teóricas, metodológicas e políticas que tem orientando novas gerações de acadêmicos, homens e mulheres, negros e negras no Brasil.

Palavras chaves: Teoria da Diáspora, História intelectual, movimentos negros e Kim D. Butler

DIASPORA TIES

Abstract: Kim Butler narrates her life trajectory in New York, at university and experience in Brazil in the 1980s. She remembers her first ideas about Brazil and black culture in the diaspora. It analyzes the theoretical, methodological and political changes that have been guiding new generations of academic black men and black women in Brazil.

Keywords: Diaspora Theory, Intellectual History, Black Movements and Kim D. Butler

LAZOS DE LA DIASPORA

Resumen: Kim Butler narra su trayectoria de vida en Nueva York, en la universidad y experiencia en Brasil en la década de 1980. Recuerda sus primeras ideas sobre Brasil y la cultura negra en la diáspora. Analiza los cambios teóricos, metodológicos y políticos que han estado guiando a las nuevas generaciones de académicos negros y mujeres negras en Brasil.

Palabras claves: Teoría de la diáspora, historia intelectual, movimientos negros y Kim D. Butler

CONNEXIONS DE LA DIASPORA

Résumé: Kim Butler raconte sa trajectoire de vie à New York, à l'université et son expérience au Brésil dans les années 1980. Elle se souvient de ses premières idées sur le Brésil et la culture noire dans la diaspora. Il analyse les changements théoriques, méthodologiques et politiques qui ont guidé les nouvelles générations d'hommes noirs universitaires et de femmes noires au Brésil.

¹Entrevista, edição e organização de Stephane Ramos (doutoranda em História pela Universidade de Brasília, E-mail: stephane.rcosta@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5162-5970>) e Flávio Gomes (professor da UFRJ e pesquisador do CNPq, Professor da UFRJ e pesquisador do CNPq. E-mail: escravo@prolink.com.br . ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2386-7040>)

Mots clés: Théorie de la diaspora, histoire intellectuelle, mouvements noirs et Kim D. Butler

KIM D. BUTLER

Professora da Rutgers University. Recebeu seu Ph.D. em História pela Universidade Johns Hopkins em 1995, tendo concluído o Mestrado pela Howard University. Entre 2011-2015 foi presidente da Associação para o Estudo da Diáspora Mundial da África (ASWAD). Tem publicado livros, capítulos de livros e coletâneas sobre a história afro-brasileira e teoria da diáspora. Entre as suas publicações podemos destacar “Freedoms Given, Freedoms Won: Afro-Brazilians in Post-Abolition São Paulo and Salvador” (Rutgers University Press, 1998); “Carnival, Culture and Black Citizenship in Post-Abolition Bahia” (MSU Press, 2018); “Interrogating Diasporas in Dialogue: The Jewish Diaspora's Relationship to African Diaspora Scholarship” (Mellen Press, 2011). Em 2020 publicou “Diásporas Imaginárias: Atlântico Negro e Histórias Afro-Brasileiras” (com Petrônio Domingues, Editora Perspectiva, 2020). Seus artigos sobre teoria da Diáspora aparecem nos mais importantes periódicos da área.

ORIGENS MIGRATÓRIAS NEGRAS

Fale um pouco da sua origem familiar e trajetória até entrar na Universidade. Quais foram as primeiras referências familiares e extrafamiliares? Como foi a sua formação?

Minha família -- de parte paterna-- vem do Sul dos Estados Unidos, mas não sabemos as origens da sua avó. Ela apareceu acho que foi de trem, ainda muito criança, no estado de Virginia com uma nota prendida nas suas roupas dizendo “Por favor cuidem desta criança”. Foi na época de extremo terrorismo racial no Sul, e acho que seus pais temiam um ataque mortal, e fizeram muito para salvar a criança, porque os integrantes da *KuKluxKlan* matavam crianças, mulheres grávidas, pessoas idosas etc. sem nenhuma piedade. Ela foi adotada por uma família e tomou seu nome. Nunca lembrou do seu nome original.



Da parte materna, tenho origem caribenha, de Barbados, Caribe inglês. Conheço a história de dois bisavós que nasceram na África. Uma foi capturada com seus dois irmãos, mas como ela ficou grávida por estupro, venderam ela em Barbados e foi separada dos irmãos. Outro bisavô tinha o apelido de “Piche”, mas adotou o sobrenome do dono da fazenda -- na época achei raro, mas descobri que foi um rastro que os escravizados deixavam para que os que viessem depois pudessem descobrir sua família perdida. Assim ajudou a me orientar -- mais um século depois -- quando procurava ele nos arquivos coloniais. Assim consegui encontrar minha família. Eu nunca estudei História antes de me profissionalizar. Eu gostava mais de teatro, dança e música. Mas também adorava conversar com minha avó sobre o passado e suas lembranças. Acho que foi por ela que fui gostando de história. Mas nunca foi minha intenção virar uma historiadora profissional!

Somos uma família de classe trabalhadora. Meus pais trabalhavam em correios. E minha mãe depois foi trabalhar numa creche no próprio bairro. Os dois tinham abandonado a escola ainda no secundário para ajudar suas famílias. Eu fui a primeira da família a ingressar numa universidade.

CAMINHOS DE UMA HISTÓRIA

Como foi a escolha pela História? O que te motivava?

Quando ainda cursava a Universidade, tive a oportunidade de passar um semestre no México. O propósito do curso foi conhecer o povo mexicano. Sendo assim, quase não fomos conhecer os principais pontos turísticos. Eu era a única negra do grupo, e os mexicanos sempre me perguntavam sobre a situação racial nos EUA. Não entendia na ocasião como ainda havia muita repercussão o episódio -- nos Jogos Olímpicos do México (1968) -- em que Tommie Smith e John Carlos, medalhistas de atletismo, levantaram o punho como símbolo do movimento *Black Power*, exatamente durante a execução do hino nacional dos EUA na cerimônia de premiação e entrega de medalhas. Enfim, os mexicanos tinham muito interesse no movimento negro e a situação racial nos EUA. Percebi a minha ignorância da minha própria história e então resolvi estudar tudo que fosse temas *african americans* logo que retornei de viagem. Assim, escolhendo tais cursos temáticos me deparei com um curso de “Afro-Brazilian Dance”. Fiquei perplexa



em saber que existia uma população estimada nesses dias em 80 milhões de negros. Eu não tinha ideia de que existiam negros no Brasil. A partir daí quis aprender tudo e socializar esses conhecimentos para outros negros também.

Tive a ideia de criar um programa de viagens de intercâmbio para a *Díaspóra Africana*. Porém como não tinha contatos importantes nem dinheiro disponível, avalei que a melhor opção era ter uma titulação acadêmica, pois assim as pessoas avaliariam o meu projeto com seriedade. Na ocasião sequer sabia ou tinha orientação de disciplinas distintas. Por exemplo, entrei para a área de Sociologia, mas vi que a Sociologia utilizava muito estatística e análises quantitativas. Não queria isso pois eu era fraca em matemática e cálculos. Mas em um dos cursos eu li o livro de Joseph Harris, *Global Dimensions of the African Diaspora*. Imediatamente percebi que aquilo era o que eu queria. Eu não tinha tido nenhum curso de história desde a idade de 15 anos, mas como ele foi historiador em Howard University, eu resolvi entrar para estudar História em Howard. Eles não queriam me aceitar por minha falta de cursos de história na minha formação inicial, mas eu insisti com muitas cartas diretamente para Howard, argumentando porque eu devia entrar. E depois para provar que não tinha condições de arcar com os custos da universidade eu mandava meus extratos bancários ainda lacrados na correspondência diretamente para eles. Assim mostrava para os administradores de Howard, a minha situação econômica. Me deram bolsa completa! E assim fui em frente. Depois eu entendi que só valia a pena se completasse meus estudos até o doutorado. E assim fiz.

TEMPOS DE GUERRAS COM ARMAS DE CORES E SONS

Seus estudos nos anos 80 acontecem num momento de efervescência negra nos Brasil e nos EUA. Como isso te mobilizava em termos intelectuais? Quais os livros, abordagens, autores?

Eu lembro que minha primeira orientação sobre a política negra foi quando soube sobre a guerra da independência de Zimbabwe. Vieram a Nova Iorque os líderes de ZANU e ZAPU. Fiquei muito empolgada. Nesta época, houve a sensação de muitas vitórias do movimento negro nos Estados Unidos -- estávamos vivendo aquele sonho de Martin Luther King. Avalio que tal perspectiva de progresso (doméstico) nos entusiasmou a orientar nosso olhar no campo internacional -- conhecer sobre as mudanças promovidas



pelas lutas africanas anticoloniais, especialmente contra apartheid na África do Sul. Não acredito que tínhamos consciência de como era frágil a nossa situação e progresso na época, ainda mais quando vemos agora -- nesses tempos atuais -- o ressurgimento de movimentos e mobilização de supremacia branca, assim como as críticas e contestações aos avanços e consolidação das ações afirmativas.

Eu mergulhei na dimensão da luta negra em geral, mas a minha orientação ideológica vinha através da literatura. Gostava de Zora Neale Hurston, Toni Morrison, Octavia Butler, Chinua Achebe, Ngugi Wa Thiongo, muitos. Quando comecei estudar história, estavam sendo editados livros fundamentais sobre a história negra em quase todos os países das Américas. Do Brasil eu li os clássicos de autores como Edison Carneiro, Nina Rodrigues, Artur Ramos, e autores mais recentes como João Reis, Kátia Mattoso, Mary Karasch, George Reid Andrews e meu orientador A.J.R. Russell-Wood. Também tinham estudos, seguindo os modelos analíticos propostos por Melville Herskovits para pensar a experiência *afro-americana* como um todo, como Leslie Rout.

Foi através destes livros que viajava – em termos intelectuais -- numa diáspora negra global. Também devido a minha experiência anterior no México, estava descobrindo tudo que podia sobre a cultura latino-americana -- falando espanhol, aprendendo as músicas, comidas, danças. Comecei a conhecer gente negra de toda a América Latina e as conexões que há entre nossas culturas na diáspora. Afinal, eu morava no bairro do Brooklyn em Nova Iorque, onde havia uma população negra considerável de várias partes do mundo. Havia ali carnaval caribenho, tinha muita música, tinha lojas pequenas que vendiam discos e livros sobre o continente africano, restaurantes de muitas diferentes culinárias, casas de religiões de matrizes africana, festivais de música – acesso público e gratuito -- durante todo o verão. Enfim, eu viajava para várias partes dos *mundos negros* globais sem sair da casa. Foi uma orientação pessoal que me afetou profundamente. Possibilitou que tivesse a dimensão e apreço sobre a cultura negra e sua magia atlântica.

MARES DE HISTÓRIA

Como foi a sua entrada na pós-graduação e escolha de temas para estudo?



Ainda durante o tempo que estudava pós-graduação em sociologia, aconteceu o Terceiro Encontro de Tradição Yoruba em Nova Iorque. Particpei e pude conhecer muitas pessoas da delegação brasileira porque com meu espanhol dava para entender. Conheci muitas pessoas do movimento negro brasileiro e representantes das religiões de matriz africana como Mãe Stella de Oxóssi e Lino de Almeida, entre outros. Meses depois -- começo de 1987 -- eu viajei ao Brasil pela primeira vez e essas mesmas pessoas me acolheram com muita generosidade. Cheguei a conhecer muita gente no movimento negro, tanto artístico, cultural quanto político. Curtia os blocos afros, pois foi o ano da explosão da música *Faraó* no Olodum, tomando conta da cidade. Havia ainda uma atmosfera política de muita mobilização por conta do quadro eleitoral e os trabalhos da Constituinte. Minha ideia original era documentar esse momento histórico do movimento negro no Brasil.

Me impressionou duas coisas naquele contexto. Primeiro, a semelhança das lutas negras nas Américas. Segundo, parecia que a energia do movimento vinha de um sentimento profundo de valorização da herança africana. Isso me fez querer estudar mais ainda o poder transformador dos movimentos negros. Eu queria analisar especialmente determinadas escolhas, estratégias e características de mobilização que impactaram diferentes comunidades negras e suas lutas contra as estruturas de poder. Dadas as semelhanças estruturais entre as antigas sociedades escravistas das Américas em termos de *capitalismo racializado*, eu estava contando com a história para informar nosso entendimento da eficácia das várias políticas negras com perspectiva diaspórica.

PAISAGENS INTERATLÂNTICAS: CIDADES NEGRAS

Você optou por estudar Brasil, pós-emancipação, Salvador, São Paulo. Fale um pouco das primeiras leituras e impressões sobre o Brasil.

Depois desta primeira viagem ao Brasil, entrei na Howard University. Procurava estudar movimentos negros atuais, mas minha orientadora não aceitou minha proposta de escrever sobre o que estava acontecendo atualmente. Estudando histórias negras de todas as Américas, me interessei pelo período pós-abolição. Avaliava como um momento fundamental a partir do qual os ex-escravos e ex-senhores disputavam os limites da *cidadania negra*. A literatura sociológica nos EUA tendia caracterizar as questões atuais



negras como fruto de patologias. Estudando o contexto do pós-abolição dava para entender os processos históricos de institucionalização das estruturas das desigualdades. Mas não estava achando muita informação na historiografia brasileira sobre o período do pós-abolição, não obstante uma historiografia impressionante sobre escravidão. Felizmente encontrei um breve estudo do historiador ganense Anani Dzidzienyo, que viajava ao Brasil desde a década de 70. Ele mencionou a *Frente Negra Brasileira*. Isso me chamou a atenção porque na história das Américas quase nunca aparecem partidos político negros (só conheço o *Partido Independiente de Color em Cuba*, 1908-1912) como atores significativos na esfera eleitoral a nível nacional. O que também chamou atenção foi a falta de documentação sobre a história da Frente Negra. Procurei em todos os 5 volumes sobre a Primeira República na História da Civilização Brasileira de Sérgio Buarque de Holanda, mas não encontrei referência. Como ainda tinha gente viva desta época, resolvi tentar uma história oral.

Preciso dizer que minha orientação intelectual sobre a experiência negra brasileira veio mais por minha convivência na Bahia com o movimento negro, o que continua até hoje. Só depois que começou minha trajetória acadêmica.

NEGRAS INTELECTUAIS NEGROS

Você teve contato com Michael Mitchel e outros importantes pesquisadores negros e negras de referências fale sobre isso.

Quando eu comecei, só havia quatro ou cinco negros nos Estados Unidos estudando Brasil que eu conhecia. Além do estudo de Anani Dzidzienyo, existia a dissertação de Michael Mitchell sobre a mobilização negra brasileira. Eu escrevi para ele, que me convidou a conhecer ele no seu escritório na Princeton University. Foi ele quem me apresentou aos historiadores Michael Turner e Ibrahim Sundiata. Michael Turner trabalhou para a Fundação Ford no Brasil e teve muitas conexões com entidades, ativistas e acadêmicos negros. Não me lembro exatamente como fiz meu primeiro contato com Anani, mas eles quatro para mim eram meus "irmãos maiores" no âmbito acadêmico. Me ajudaram muito com contatos e orientações sobre a realidade brasileira até eu poder viajar de novo. Outra pesquisadora negra que tinha muito conhecimento



sobre Brasil era Sheila Walker. Ela promoveu uma conferência e depois uma disciplina sobre diáspora africana na Universidade do Texas, em Austin, ajudando muito a compor as conexões entre acadêmicos nos dois países. Em 1988, quando houve uma delegação de negros americanos para observar e divulgar os eventos do Centenário da Abolição eu convenci os organizadores a me contratar como tradutora. Aproveitei para fazer mais contatos no Brasil com entidades negras em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Maranhão, facilitada por Joselina da Silva. Mas quem me orientou de forma mais direta nas minhas pesquisas foi Michael Mitchell, por seus estudos com essas mesmas entidades e ativistas durante os anos 70. Sem falar de sua perspectiva muito ativa nos eventos (congressos, seminários e conferências) que aconteciam em vários países latino-americanos nesta época.

CONHECENDO EVENTOS E PERSONAGENS

Você entrevistou importantes personagens dos anos 30. Poderia falar um pouco sobre a sua pesquisa?

Eu só tinha o endereço de José Correia Leite, repassado por Michael Mitchell. Lembro que era um dia muito quente e eu andava nas ruas procurando a casa, porque não dava para ver os números. Finalmente sua filha Dadá me perguntou quem eu procurava, me convidando para entrar. O José Correia Leite estava na sala, onde gostava de sentar-se durante o dia. Quando eu disse que tinha obtido contato dele via Mitchell, ele sorriu, disse “Oh Mitchell!” e falar bem à vontade. Foi ele que me deu os contatos de Henrique e Eunice Cunha, e através deles comecei a conhecer mais pessoas daquelas gerações. Eu só tive poucos dias com ele, mas gostava muito. Correia Leite fez muito sacrifício porque lhe importava tanto o trabalho que realizou para a sua comunidade. Ele se aborrecia muito com outros que não tinham esse mesmo compromisso. Já estava com voz fraca, mas sua mente estava claríssima e transmitia toda a atmosfera da sua juventude e mobilização naquelas conversas. Ele faleceu poucas semanas depois da nossa última entrevista. Dediquei minha dissertação de mestrado a ele.

Todas as pessoas que entrevistei me trataram com muita gentileza, especialmente paciência com meu português ainda muito básico. Entenderam a importância da trajetória deles para a História do Negro no Brasil e no mundo. Além dos Cunha, cheguei



a conhecer ativistas como Francisco Lucrécio e outras pessoas como Nenê da Vila Matilde e Aristides Barbosa. Eles me ajudaram entender como o lazer foi importante na construção de identidades comunitárias que iria dar direção a política. Outras pessoas -- como Carlota Galvino Silva -- me ajudaram a refletir sobre o cotidiano da mobilização negra, o dia a dia, pois as associações e movimentos não eram só as lideranças de destaque.

Reforço como foi fundamental minhas amizades e vinculações com o movimento negro baiano. Estavam vivendo um contexto de muita mobilização, especialmente os blocos afros. Eu podia imaginar como era naqueles tempos em São Paulo -- não somente nos dias da *Frente Negra*, mas todo o movimento associativista nas décadas anteriores. Parecia que o presente me ajudou a entender o passado tanto quanto o passado me ajudou a entender o presente. O que realmente é o diálogo do historiador, não é?

PESQUISAS E GERAÇÕES

Você acompanhou (e foi referência) o surgimento -- nos últimos 20 anos -- de importante geração de historiadoras negras e negras no cenário acadêmico brasileiro. Como você avalia tais mudanças. Há um paralelo com os EUA?

Nos dois países, houve uma relação essencial entre os movimentos negros e o universo acadêmico. E foi a mobilização negra que pressionou e denunciou as tradições de exclusão negra em termos intelectuais e acadêmicos. Isso impactou não apenas a entrada -- e aumento do número -- de estudantes e professores negros, mas sobretudo teve impacto nas metodologias, temas e orientações de pesquisa.

Essas primeiras gerações de estudantes e professores se articularam num maior compromisso com as comunidades negras no objetivo de enfrentar as instituições acadêmicas e seus intelectuais com uma atitude crítica e de transformação. Em cada geração -- depois de abolição -- foi ficando menos forte aquela esperança e fé na promessa de uma democracia. Ao contrário, ficava mais evidente que a conquista da verdadeira democracia era tarefa das pessoas marginalizadas.

Nos EUA, o ambiente acadêmico foi também um espaço de crítica e contestação dos movimentos negros. Acho que tanto nos EUA como no Brasil estamos desconstruindo a noção de que a desigualdade e o racismo são frutos de ideologias



abstratas, ignorância ou deficiências raciais da própria comunidade negra. Ao contrário, estamos apresentando estudos, análises e abordagens que revelam como as formas racistas estão estruturadas na própria gênese das sociedades modernas e suas origens no capitalismo e na escravidão. Infelizmente, nos EUA, houve cortes drásticos no financiamento do governo para a educação pública, pressionando-o a mudar para um modelo corporativo focado na lucratividade. Isso tem promovido uma orientação mais empreendedora por parte dos acadêmicos profissionais e uma falta de compromisso com a comunidade. No entanto, quando as pessoas voltaram às ruas em protestos contra a violência policial, isso imediatamente gerou uma expansão de oportunidades e recursos para negros e estudos para negros. Isso reforça a importante relação entre o movimento e o que está acontecendo na academia.

Vejo uma semelhança nessa relação entre o movimento negro, a universidade e o universo acadêmico no Brasil. Houve um progresso incrível desde que comecei a fazer pesquisas aqui. Eu lembro do primeiro congresso sobre a diáspora africana organizado no Brasil por Carlos Hasenbalgh em 1991 ou 1992. Houve um debate sobre o uso da palavra "negra" em um painel totalmente branco. Uma professora branca falou que foi um erro do negro brasileiro se descrever assim, pois foi uma ideia estrangeira. Na audiência houve muitos negros ativistas e acadêmicos, e tudo mundo se olhava para ver quem ia responder. Finalmente uma ativista já experiente se levantou para afirmar que esse foi uma escolha consciente do movimento negro. Uma negra, ativista, falando da sua própria experiência. E a professora branca descartou completamente, dizendo que para ela que era errado e uma confusão.

Foi mais ou menos essa época que começaram os primeiros encontros de acadêmicos negros no Brasil. Eu assisti a um congresso em Recife na década de 90. O que tenho acompanhado no Brasil é que já se está quebrando uma certa hegemonia sobre quem interpreta a história do negro, justamente com a formação de historiadores negros e negras que estão puxando novas perspectivas e novas linhas de pesquisa que vai fortalecer a disciplina para todos.

Na minha avaliação, algumas das contribuições importantes desta geração incluíram a abertura de uma área de estudos sobre o pós-abolição, além de mudanças no diálogo em torno das maneiras como estudamos a escravidão. Para o pós-abolição, esse foi um período que recebeu pouca atenção dos historiadores. Como todas as ex-sociedades escravistas negociaram essa mesma dinâmica, os estudos pós-abolição



também abriram conversas sobre como podemos olhar a história dos negros brasileiros dentro do contexto mais amplo da história negra global, dadas as diversas formas como o Brasil sempre esteve envolvido nesse discurso. Sobre novas perspectivas sobre a escravidão, você, Flavio [Gomes], por exemplo, fez muito para mudar a imagem do negro como vítima de escravidão, à imagem do negro articulando as mais profundas ideologias de libertação nas Américas. Também acredito que o trabalho de historiadores impactou os estudos sociológicos. Entender os processos históricos das questões da população negra na atualidade a partir dos contextos do pós-abolição ajuda a transformar a perspectiva de que estas desigualdades partem de uma suposta *patologia do negro*.

A parte de minhas pesquisas de campo -- nunca estudei no Brasil, por isso não estava por dentro das redes de estudantes negros de pós-graduação -- cheguei a conhecer Isabel Ferreira dos Reis, ainda estudante, e o atual vereador baiano Silvio Humberto Cunha, quando estava se formando e estudando a história econômica no pós-abolição. Conheci outros nos arquivos. Desta geração acho que você Flavio e a sua irmã Olivia [Cunha] eram os primeiros professores formados. Agora, esta geração ocupa muitos cargos influentes, e estão formando muitos estudantes, produzindo trabalhos de suma importância. Acho um marco histórico da confluência entre ativismo e o cenário acadêmico a formação de doutorado de ativista de Carlos Medeiros em dezembro de 2020 com uma banca de tantos professores negros. É muito importante que as pessoas que são objetos da história tomem parte da sua interpretação.

DIÁSPORA COMO CATEGORIA DA HISTÓRIA GLOBAL

Você acha que seja possível construir uma história da diáspora transnacional?

Com as metodologias que temos atualmente, é um desafio. Estamos falando de uma história que remete a vários milênios, e a quase todos os países do mundo. A maioria das tentativas que eu conheço são antologias. É uma problemática relacionada ao tamanho e diversidade desta diáspora. Por exemplo, em questões de língua das fontes, as histórias importantes dos negros em Suriname Guiana Holandesa ficam marginalizadas com a dominação dos idiomas espanhol, português, e inglês nas Américas.

É motivo de debate se realmente existe uma diáspora Africana a nível global. É verdade que as experiências de africanos na revolta Zanj de Iraque em 869 é muito difícil



colocar na mesma história que fala da Frente Negra Brasileira, a revolução de Haiti, Europa Negra, ou os comerciantes africanos atualmente na China. Mas a diáspora africana merece uma consideração holística. Apesar da quantidade de micro-histórias dentro da história da diáspora africana, eu acho ainda que tem o que nos liga: o papel da África na construção da civilização humana, o continente e o povo africano na evolução da modernidade, assim como o nosso papel no desenvolvimento de capitalismo com nossos corpos e terras, as lutas contra escravidão, colonialismo e supremacia branca. O olhar racista que motiva torcedores jogar bananas a jogadores negros na Espanha está interligado com a atitude do policial que sufocou o George Floyd durante 8 minutos tranquilamente na frente de uma câmara gravando, ações multiplicadas inúmeras vezes aqui no Brasil e em todas as comunidades negras.

Mas não é uma pura história de vitimização. É também nossa criatividade, nossas diversas formas de resistência às condições mais horríveis. Por mais que quisessem tirar nossa humanidade, temos defendido nossa essência - nossa capacidade de amar, sorrir, e viver os nossos dons divinos. Sempre lembro algo que me ensinaram os mestres de capoeira, que precisamos ser tão ágeis quando o nosso mundo se encontra virado do que quando ele está normalizado. Nossa história é um jogo de cintura contra a opressão e racismo. A nossa luta tem importância para todas as lutas pela liberdade e dignidade humana.

Para realmente fazer essa história da diáspora transnacional, talvez vamos precisar de outras metodologias. As ferramentas da história atual só podem reproduzir as formas de história que já conhecemos. Pode ser simplesmente a forma de interagir com as fontes tradicionais, ou incorporar fontes novas. A maioria da história da nossa diáspora esta arquivada em nossas danças, nossas culinárias, nossa música, nossa poesia -- temos já expandido as ferramentas de história para catar esses tipos de fontes, mas vamos precisar de muito mais para tentar construir uma história desse tamanho. A vantagem de ter turmas novas e sua capacidade de improvisar e experimentar. Eu tenho enorme respeito pela criatividade desta nova geração de historiadores brasileiros, e dos professores que estão supervisionando suas pesquisas.

PROJETOS E ALCANCES: DIÁLOGOS

Fale um pouco dos seus projetos acadêmicos e intelectuais atuais.



Atualmente estou pensando muito sobre a função da raça dentro da política da diáspora africana. Esta foi uma dimensão que não explorei totalmente em meu livro "Diásporas Imaginadas" com Petrônio Domingues, porque senti que requer um tratamento muito mais aprofundado do que era possível naquele livro. Como vimos, a raça não está desaparecendo, mas é preciso entendê-la como ela opera no contexto do século XXI.

Também estou muito animada com o crescimento de estudos sobre o período da pós-abolição, especialmente com olhar comparativo. Tenho participado em vários congressos sobre o tema, e considero uma honra muito especial ajudar junto à comunidade negra numa colaboração internacional com acadêmicos brasileiros, abrindo um campo importante de estudo.

Recebido em: 01/02/2021

Aprovado em: 15/02/2021